

## Brazilian athleticism in the 1932 Olympic Games: The participation of the iron man

## O atletismo brasileiro nos Jogos Olímpicos de 1932: A participação do homem de ferro

CAROLINA FERNANDES SILVA<sup>1</sup> ✉, BRUNA LETÍCIA BORBA<sup>1</sup>, JANICE ZARPELLON MAZO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Department of Physical Education, Sports Center, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, Brazil

<sup>2</sup>School of Physical Education, Physiotherapy and Dance, Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil

### ABSTRACT

The present study aims to understand how an athlete from the state of Santa Catarina first participated in the Summer Olympics of the Modern Era. Therefore, information was sought in newspapers published in the state of Santa Catarina during the early 1930s, since the first Olympic athlete from Santa Catarina competed in the Los Angeles Olympic Games, in the United States, in 1932. This research is characterized as historical-documentary, with newspapers as empirical material. The evidence found in sources suggests show that the athlete Adalberto Cardoso started practicing athletics when he joined the Brazilian Navy and started training in the Navy Sports League. With the victories won in national competitions, he was selected to compose the Brazilian Olympic delegation. The trajectory to the host city of the Olympic Games, Los Angeles, was full of obstacles. Adalberto Cardoso ran the 10,000 meter athletics race, without having eaten properly and without rest. The journey from Brazil to the finish line, published by the newspapers in Santa Catarina, made the announcer of the Olympic event to name Adalberto Cardoso the name of Iron Man.

**Keywords:** Athletics; Olympic Games; Sports memory.

#### Cite this article as:

Silva, C.F., Borba, B.L., & Mazo, J.Z. (2021). Brazilian athleticism in the 1932 Olympic Games: The participation of the iron man (in Portuguese). *Journal of Human Sport and Exercise*, 16(1proc), S62-S73. doi:<https://doi.org/10.14198/jhse.2021.16.Proc1.06>

✉ **Corresponding author.** Department of Physical Education, Sports Center, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, Brazil. <http://orcid.org/0000-0003-0026-1318>  
E-mail: [carolina.f.s@ufsc.br](mailto:carolina.f.s@ufsc.br)

Supplementary Issue: Rio 2016 Olympic Games Fourth Anniversary Special Edition. Olympic Studies Forum, 21-24 October 2020. Olympic Studies Research Group, Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (GPEO PUCRS), Brazil.

JOURNAL OF HUMAN SPORT & EXERCISE ISSN 1988-5202

© Faculty of Education. University of Alicante

doi:10.14198/jhse.2021.16.Proc1.06

## RESUMO

O presente estudo visa compreender como ocorreu a primeira participação de um atleta do estado de Santa Catarina nos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna. Para tanto, foram buscadas informações em jornais publicados no estado de Santa Catarina durante o início da década de 1930, uma vez que o primeiro atleta olímpico catarinense competiu nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1932. Esta pesquisa caracteriza-se como histórico-documental, tendo os jornais como material empírico. Os indícios encontrados nas fontes sugerem que o atleta Adalberto Cardoso iniciou na prática do atletismo quando ingressou na Marinha Brasileira e começou a treinar na Liga de Sports da Marinha. Com as vitórias conquistadas em competições nacionais, foi selecionado para compor a delegação olímpica brasileira. A trajetória até a cidade-sede dos Jogos Olímpicos, Los Angeles, foi recheada de obstáculos. Adalberto Cardoso correu a prova de 10.000 metros do atletismo, sem ter se alimentado adequadamente e sem descanso. A jornada do Brasil até a linha de chegada, divulgada pelos jornais de Santa Catarina, fez com que o locutor da prova olímpica atribuísse a Adalberto Cardoso a denominação de homem de ferro.

**Palavras-Chave:** Atletismo; Jogos Olímpicos; Memória esportiva.

## INTRODUÇÃO

O Atletismo está presente no programa dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (JO) desde a sua primeira edição em 1896, em Atenas na Grécia. Esta foi uma das práticas que inspirou Pierre de Coubertin a idealizar este espetáculo competitivo, cuja 31ª Edição ocorreria em Tóquio em 2020, mas devido a pandemia COVID-19, foi adiada para 2021. A edição Tóquio 2020 estabelece um novo ciclo dos JO a partir do documento Agenda 20+20, que estabelece as novas diretrizes com 40 recomendações “consideradas estratégicas para o futuro do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos” (Rubio, 2016, p. 27). O documento do Comitê Olímpico Internacional (COI) pretende promover ações, como proteger sua singularidade e fortalecer os valores olímpicos na sociedade, uma vez que estes vinham sofrendo desgastes devido, principalmente, a falta de transparência dos gastos e denúncias sobre corrupção nas cidades-sede de realização dos JO.

Além disso, o ano de 2020 é comemorativo para o Brasil, pois marca os 100 anos da primeira participação oficial do país em competições olímpicas, bem como das primeiras medalhas conquistadas, na prática esportiva do Tiro ao Alvo (Mazo et al., 2017). Entretanto, existem indícios de que o Atletismo foi o esporte olímpico pioneiro em participação brasileira. De acordo com Rubio (2015), Adolphe Christiano Klingelhofer foi um brasileiro que nasceu em 1880 na cidade de Paris, pois seu pai era vice-cônsul brasileiro na França. Embora registrado como francês nos documentos oficiais, participou dos JO de 1900, nas competições de 60 metros rasos, 200 metros rasos e 110 metros com barreiras. Nesta época, os atletas podiam participar dos Jogos Olímpicos fazendo sua inscrição de forma independente dos Comitês Olímpicos Nacionais.

O Atletismo também foi a prática esportiva que oportunizou a primeira participação de um atleta oriundo do estado de Santa Catarina, Adalberto Cardoso, nos JO de Los Angeles, Estados Unidos, em 1932. Além deste catarinense ter sido o primeiro brasileiro a disputar a prova de 10.000 metros do Atletismo, a trajetória deste atleta até a competição foi recheada de percalços que o fizeram ser chamado de homem de ferro pelo público que prestigiava os Jogos Olímpicos. E, no Brasil, foi destaque em diversos jornais, os quais referiam o atleta como “exemplo de caráter e resistência verdadeiramente olímpico” (Em Los Angeles, 3/08/1932, s/p).

As narrativas jornalísticas sobre o percurso deste atleta catarinense até a sua participação em Los Angeles permitem identificar elementos de (re)elaboração do imaginário brasileiro sobre a filosofia olímpica, denominada de Olimpismo e disseminada por Pierre de Coubertin em sua instauração dos JO (Guttman, 1992). Segundo Pesavento (2008), imaginário compreende uma espécie de “museu imaginário” que temos, originado ao longo da vida através de um conjunto de ideias e imagens de representação coletiva construída pelos indivíduos através da história, para dar significado às experiências vividas. As representações coletivas são as matrizes de práticas que comandam atos, constroem o mundo social, marcam de modo visível e perpetuado a existência de um grupo (Chartier, 2002). Para Chartier (2011), a construção de representações é uma prática tanto cultural quanto sociopolítica, dotada de intencionalidades e interesses, por vezes produzidas por narrativas como as jornalísticas.

Utilizado pela primeira vez em 1911, o termo Olimpismo, cunhado por Coubertin, se referia ao conjunto de ideias e princípios universalistas, também chamados de “valores olímpicos”. Estes valores fundamentaram ou deveriam fundamentar a base e a justificativa dos JO, como também a ação do Movimento Olímpico (DaCosta et al., 2005). Conforme diversos autores (Rubio, 2009; Parry, 2006; Neto-Wacker, 2009), o conceito de Olimpismo continua em aberto. Neste sentido, compreende-se que o contexto histórico-sociocultural do atleta permite a construção de sentidos e a incorporação de percepções sobre os valores olímpicos, assim como representações sobre as participações nos JO.

Perante estas premissas, emerge a seguinte questão problematizadora: como ocorreu a primeira participação de um atleta do estado de Santa Catarina nos Jogos Olímpicos de Verão da Era Moderna.

Conforme Barros (2005), a História pode ser compreendida como um estudo sobre a vida humana no tempo e espaço, uma vez que as ações e as transformações que podem ser historicamente consideradas ocorrem em espaços geográficos, políticos, imaginários e virtuais, que se constituem em espaço social. Na primeira metade do século XX, as delegações olímpicas brasileiras contavam predominantemente com atletas da região Sudeste do país e atletas da região Sul eram exceção (Mazo et al., 2017). Demarcar Santa Catarina como região a ser estudada permite contribuir com elementos particulares que podem ser contrastados com outras partes que compõem o todo da História do Esporte no Brasil.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracteriza-se como histórico-documental, tendo os jornais como material empírico. Para a realização deste estudo, foram coletadas reportagens sobre Adalberto Cardoso em jornais catarinenses publicados no início da década de 1930, disponíveis na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. O recorte temporal eleito abrange três períodos: o primeiro comporta o período que antecedeu os JO de 1932 em busca de indícios que permitiram a classificação do atleta; o segundo é relativo ao ano em que ocorreu a edição dos JO e a participação de Adalberto Cardoso; o terceiro contempla as publicações posteriores que discorreram sobre a participação do atleta. Além destas fontes, também foi utilizada uma obra cinematográfica em formato de documentário que reconstrói a trajetória deste atleta olímpico, que foi produzida devido a realização dos JO no Rio de Janeiro em 2016, intitulada “1932: a medalha esquecida” (Rodrigues, 2016). Desta maneira, buscou-se nas reportagens e na narrativa cinematográfica, vestígios, sinais e rastros da trajetória da participação de Adalberto Cardoso nos JO. Para tanto, compreendeu-se os indícios extraídos das fontes como fios de um tapete que compõem-se em uma trama densa, onde entram em jogo: faro, golpe de vista, intuição, elementos que constituem o paradigma indiciário, perspectiva investigativa amplamente utilizada pelas Ciências Humanas (Ginzburg, 1989).

Nesta construção de narrativa histórica, os Resultados e a Discussão do presente artigo estão organizados juntos em dois tópicos, intitulados: *O início da jornada olímpica: os primeiros passos no Atletismo*, que aborda como Adalberto Cardoso se inseriu na prática do atletismo; e *Os Jogos Olímpicos de 1932: a peregrinação até a linha de chegada*, sobre os desafios enfrentados pelo atleta para poder finalizar a prova olímpica. Por fim, no tópico Conclusões, estão apontadas as principais inferências realizadas com o estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### ***O início da jornada Olímpica: os primeiros passos no Atletismo***

Adalberto Cardoso nasceu na cidade de Garopaba, em Santa Catarina, em 21 de dezembro de 1905 (Rubio, 2015), filho de João Marcelino Cardoso e Carolina Cardoso (Rodrigues, 2016). O primeiro indício encontrado sobre Adalberto Cardoso foi uma reportagem do jornal O Dia - Órgão do Partido Republicano Catharinense, sobre uma exposição de trabalhos da Escola de Aprendizes Artífices, que funcionava em regime de internato, onde consta o nome completo do atleta entre os estudantes (Escolas de Artífices, 24/01/1918). Ressalta-se que esta foi a primeira escola técnica de Santa Catarina, fundada em 1909 pelo presidente Nilo Peçanha e localizada na cidade de Florianópolis. Conforme o Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, estas escolas foram instauradas em razão do aumento populacional das cidades e tinha como público alvo, “os filhos dos desfavorecidos da fortuna”, para fazê-los “adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastara

da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime”<sup>1</sup> (Decreto nº 7.566, 23/09/1909). A partir destas informações, pode-se concluir que Adalberto Cardoso era considerado um “desfavorecido da fortuna”, ou seja, que a família localizava-se entre a classe social dos proletários, conforme sugere a referida legislação.

Logo, o segundo registro jornalístico sobre Adalberto Cardoso identificado foi o resultado dos exames realizados na Escola de Aprendizes Marinheiro de Santa Catarina, em 1924, onde consta a sua aprovação com a nota sete (Exames, 29/11/1924, p. 2). O atleta ingressou na Marinha do Brasil, ramo das Forças Armadas Brasileiras, como grumete, a graduação mais inferior na hierarquia militar, e com 20 anos se transferiu para o Rio de Janeiro, onde começou os treinamentos no Atletismo da Liga de *Sports* da Marinha (Rubio, 2015).

A Liga de *Sports* da Marinha (LSM), fundada em 25 de novembro de 1915, tinha como objetivo orientar e organizar as práticas esportivas nas Forças Armadas. Promovia competições na maioria dos finais de semana em esportes como atletismo, natação, remo, pólo aquático, futebol, basquetebol e esgrima, as quais visavam atender finalidades básicas de higiene e saúde. Nos JO de 1920, em Antuérpia, na Bélgica, a LSM cedeu seus atletas para representarem o Brasil (Garrido e Lage, 2006). Neste cenário esportivo profícuo, Adalberto Cardoso começa a colecionar resultados.

Nas competições da LSM do ano de 1928, o atleta conquistou o segundo lugar, atrás apenas de Antônio Galdino, em uma disputa que tinha 829 inscritos. Tal realização rendeu uma nota de destaque feita pela LSM e a exaltação do feito na primeira página do jornal *Correio do Povo* de Jaraguá do Sul, cidade de Santa Catarina (*O Cross-Country...*, 1/12/1928, p. 1). Dois anos depois, Adalberto Cardoso conquista o primeiro lugar na tradicional corrida de rua da LSM, na prova de 10.000m, que atravessava bairros do Rio de Janeiro, capital do país no período, a qual teve recorde de concorrentes: 1.562 competidores (*A Corrida de Rua...*, 30/08/1930, p. 8).

Esta vitória lhe rendeu a primeira nota jornalística no jornal *O Estado* de Florianópolis, onde consta que a guarnição em que o atleta atuava “pela primeira vez viu um de seus representantes obter a primeira colocação, pois desde 1923 o vencedor tem sido um representante [da guarnição] do ‘São Paulo’. O tempo marcado pelo valente marujo foi de 38’ 6” 35” (*A Corrida de Rua...*, 30/08/1930, p. 8, grifo nosso). Ressalta-se que, nesta nota, o jornal não fez referência ao vínculo identitário do atleta com Santa Catarina. Entretanto, em janeiro do ano seguinte, 1931, foi publicada uma reportagem intitulada “Uma palestra com o atleta catarinense Adalberto Cardoso” (27/01/1931, p. 6), em uma narrativa que revela-se como uma entrevista, o atleta oferece informações antes ignoradas pelo jornais estaduais.

No relato, Adalberto Cardoso afirma que começou a prática da corrida em 1925, mesmo ano que ingressou na Marinha, e no ano seguinte, 1926, competiu pela primeira vez na prova 10.000 metros da LSM, ficando em 18º lugar. Apesar de ter vencido duas provas em 1929, 5.000 e 400 metros, estas não foram noticiadas pelos jornais catarinenses, demonstrando a importância dada à prova de 10.000 metros, denominada de *Cross-country*. No ano de 1930, o atleta, além de vencer todas as provas que competiu, bateu o recorde na corrida de 10.000 metros, garantindo o destaque dado pela imprensa, “É o unico atleta da Marinha que possui record, e que é a primeira vez que um Catharinense levanta o campeonato em corridas no Rio” (*Uma palestra com...*, 27/01/1931, p. 6). Este registro do tempo, a quantificação da prática e a marca do recorde são elementos constitutivo da sociedade moderna, surgem a partir da invenção do cronômetro e pela busca incessante pela eficácia e o melhor desempenho que são característicos do esporte de alto rendimento

---

<sup>1</sup> Destaca-se que, no presente estudo, optou-se por preservar a escrita original encontrada nas fontes.

(Guttman, 1978). De acordo com o jornal, “Declarou que pretende este anno melhorar seu ‘tempo’, isto é, quer bater seu próprio recorde, e tem certeza de que o fará, devido as condições que se encontra, tanto de treino como de saúde.” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6).

Outro ponto interessante da narrativa é quando são apontadas outras práticas corporais feitas pelo atleta, como a ginástica sueca, “diariamente [...] durante 20 minutos” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6) e a prática do futebol por um clube da Liga Suburbana. A constituição física do atleta foi atribuída a estas práticas, bem como ao treino “que pratica com methodo, e ao facto de nunca ter usado fumo nem bebidas alcoolicas” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6). A prática do treino com método foi enfatizada: “só por meio do atletismo racional é que poderemos ser de facto uma raça forte” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6). O método racional que o atleta mencionou era desenvolvido por técnicas de treinamento, as quais o atleta pretendia disseminar entre praticantes durante o mês que passaria em Florianópolis, como destaca o jornal “de boa vontade ensinaria toda a techina do desporto de sua especialidade” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6). A racionalização dos esportes também foi difundida a partir da Modernidade, onde os métodos científicos garantiam a maior eficácia nos gestos, voltado para o rendimento (Guttman, 1978). Em duas passagens foram enfatizadas representações da sua identidade regional (Oliven, 2010), quando afirma que conhecido no Rio de Janeiro pelo apelido de “Catharina” e que “no dia em conquistou o celebre record do Cross Country, o seu pensamento se voltou logo para a sua pequenina terra - a Ilha de Santa Catharina” (Uma palestra com..., 27/01/1931, p. 6).

Quando esteve na capital de Santa Catarina, o atleta conduziu uma prova de atletismo lúdica, corrida de estafetas, para crianças, em um evento promovido pelo clube de remo da cidade para a construção da nova sede do Club Náutico Francisco Martinelli (Vida desportiva, 9/02/1931, p. 6). Diante desta pouca inserção no cenário esportivo catarinense e a data de retorno para o Rio de Janeiro se aproximar, Adalberto Cardoso recorre ao jornal para publicar uma nota de mobilização dos clubes esportivos para a realização de prova de corrida de rua, com percurso de 14 quilômetros (Vida esportiva, 19/02/1931, p. 6). Não foram encontrados registros sobre a efetivação da prova. Após seu retorno para o Rio de Janeiro, nos jornais foi encontrada apenas uma nota com os registros dos resultados do Campeonato Carioca de Atletismo, na qual o atleta ficou em quarto lugar na prova de 10.000 metros (Campeonato Carioca de Atletismo, 29/08/1931, p. 8). A partir disso, houve um silêncio jornalístico sobre Adalberto Cardoso até o ano seguinte, o de realização dos JO de Los Angeles.

### ***Os Jogos Olímpicos de 1932: a peregrinação até a linha de chegada***

O retorno de Adalberto Cardoso às páginas dos jornais catarinenses ocorreu pelas competições eliminatórias que definiram a delegação brasileira para os JO de 1932, as quais tiveram o Rio de Janeiro como cenário. De acordo com o jornal O Estado, a final da prova que o atleta estava disputando, 25.000 metros, foi o maior e mais empolgante lance: “O victorioso na exhaustiva jornada, o intrepido marujo catharinense Adalberto Cardoso, chegou ao ponto final quasi sem alento. Foi uma façanha admirável, quasi incrível, e que revela energia indomável, que ele tivesse chegado ao fim, a despeito da fadiga immensa” (Athletismo, 14/06/1932, s/p). Durante o desenrolar da prova, o atleta mostrou sinais de cansaço e dores físicas e na chegada da prova caiu ao chão, como se tivesse desmaiado. Foi socorrido por um médico, o qual identificou sinais de intoxicação no atleta (Athletismo, 14/06/1932). Esta cena foi reproduzida na obra cinematográfica “1932: a medalha esquecida” (Rodrigues, 2016), que conta a história de Adalberto Cardoso, por meio de fontes impressas, imagéticas e orais, com o depoimento do filho mais novo do atleta, Ademir Cardoso. Segundo Ademir Cardoso (Rodrigues, 2016), o pai contava que tinha sido intoxicado por um sujeito que lhe entregou um lenço com éter durante a corrida, que Adalberto pegou acreditando ser água para o refrescar e aspirou intensamente.

Apesar da situação física que não favorecia o desempenho, a diferença do tempo do primeiro para o segundo lugar foi de 12 minutos 20 segundos. Com o tempo de 1 hora 29 minutos 40 segundos, Adalberto Cardoso bateu o recorde mundial da prova, o qual pertencia ao argentino Juan Zabala, mais tarde medalhista olímpico da maratona nos JO de Los Angeles (Athletismo, 14/06/1932). Entretanto, não foram encontrados registros que confirmem a asseveração, pois Juan Zabala marcou 1 hora 42 minutos em uma prova de 30 quilômetros, em 1931 (Worldathletics, 18/11/2020). A reportagem termina com destaque para o que foi garantido com a conquista da prova, “Adalberto Cardoso seguirá no dia 23 do corrente para Los Angeles, onde representará o Brasil nas olimpíadas” (Athletismo, 14/06/1932, s/p).

Organizada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a bordo do navio mercante Itaquicê, a delegação brasileira partiu rumo a Los Angeles no dia 19 de junho de 1932, com 82 atletas - 81 homens e uma mulher, a nadadora Maria Lenk - e 38 delegados - homens e mulheres (Rodrigues, 2016). A partida da delegação foi destaque na imprensa catarinense, que ressaltou o comprometimento do governo federal em apoiar os atletas. No entanto, para sustentar a afirmação apresenta como argumento o Decreto nº 21.553 de 17 de junho de 1932, no qual está determinada uma licença de três meses sem qualquer prejuízo para magistrados, oficiais do Exército e da Marinha, alunos de escolas militares e civis, inferiores e praças das escolas armadas e quaisquer funcionários públicos federais, “cuja a presença fôr considerada indispensável pela Confederação Brasileira de Desportos” (Brasil, 1932). Nesta nota, não foi feita menção a Adalberto Cardoso, pelo contrário, destaca-se “Excepção do tiro e do polo aquático, não sobram ilusões de figura, apreciável na grande competição atlética” (Brasil na X Olimpíada, 21/07/1932, p. 3). Curiosamente, a posição do jornal muda totalmente após os acontecimentos nos JO.

No que concerne a delegação brasileira a caminho dos JO, outro destaque tomou as páginas dos jornais, a Revolução Constitucionalista eclodiu em 14 de julho de 1932. Esta foi uma reação ao governo Getúlio Vargas que subiu ao poder em 1930, e foi um dos maiores conflitos militares do século XX. Neste período, o Brasil passava por uma crise financeira, devido à quebra da bolsa dos Estados Unidos em 1929 que afetou o mundo, dentre outros problemas (Grasso et al., 2020).

Em vista de tal crise, o Governo Federal não podia financiar inteiramente a viagem da delegação para os Estados Unidos, assim entregou 55.000 toneladas de café para serem vendidas pelo caminho, bem como centenas de barris de cachaça. Todavia, a maior preocupação da delegação era atravessar o Canal do Panamá, onde teriam que pagar uma alta taxa pelas características do navio, ser mercante. Como solução para este problema, buscaram disfarçar o navio caracterizando como navio de guerra, pois estes não precisavam pagar para passar. Instalaram uma bandeira de navio de guerra, canhões no convés, e os atletas militares em destaque, além de inserirem a seguinte legenda no casco: “Delegação do Brasil para a X Olympiada”. O disfarce não convenceu os vistoriadores do Canal do Panamá e o navio ficou quatro dias parado esperando o pagamento que viria do Brasil, o que causou um atraso para os JO. Durante este tempo, Adalberto Cardoso treinava no convés (Rodrigues, 2016).

Menos da metade dos atletas da delegação desceram em Los Angeles, os demais seguiram para São Francisco, dentre eles, Adalberto Cardoso. Conforme Rodrigues (2016), a delegação desceu em Los Angeles em celebração cantando a marchinha de Carnaval “O teu cabelo não nega” de Lamartine Babo. Os estadunidenses que estavam recepcionando interpretaram como uma cerimônia oficial e pensaram que os brasileiros cantavam o hino nacional.

Apesar da distância, Adalberto Cardoso não desistiu de competir, desceu juntamente com outros membros da navegação em São Francisco, faltando 18 horas para o início da prova de 10.000 metros. A fim de ir para

Los Angeles, compraram um carro que quebrou no caminho, e então, tiveram que caminhar até um local que pudessem alugar outro carro. Neste trajeto o atleta se alimentou apenas com frutas. Ao chegar no local da competição, desceu do carro e esqueceu a mochila com o uniforme da competição. Entrou no Estádio Olímpico minutos antes da largada e trocou de roupa com outro corredor brasileiro, Mário Marques (Rodrigues, 2016).

Os 10.000 metros de corrida contaram com mais desafios, os quais foram amplamente descritos pelos jornais brasileiros, bem como os de Santa Catarina. Era um dia quente de verão em Los Angeles, e por isso vários corredores desistiram da prova, restando apenas sete, incluindo Adalberto Cardoso. Duas voltas atrás do primeiro colocado, que já havia terminado a prova, Adalberto Cardoso cai pela primeira vez e os dirigentes brasileiros dizem para ele parar, pois estava envergonhando a delegação. O atleta continua a prova e cai mais duas vezes. De acordo com as regras, isto o desclassificou. Mas Adalberto Cardoso não parou, terminando a prova exausto e com o locutor contando a sua trajetória até o estádio, chamando-o de homem de ferro, sob as palmas do público. Por esta participação, o atleta ganhou a medalha honorífica do COI (Rodrigues, 2016).

O mesmo formato de nota foi compartilhado pelos jornais catarinenses, possivelmente, uma reprodução de jornais estadunidenses, que chegaram ao Brasil por telégrafo, um aparato tecnológico que apresentou um novo aspecto ao jornalismo: a aceleração do processo de divulgação da informação (Matheus, 2012). Similaridades na escrita das notas, a publicação no mesmo dia 3 de agosto de 1932, bem como a denominação da cidade de origem da notícia no início das reportagens, utilizado para caracterizar as notícias oriundas de outros lugares e transmitidas por telégrafo, permitem concluir que a notícia foi disseminada por essa via. Entretanto, para se diferenciarem, os jornais colocaram títulos e subtítulos distintos.

O jornal A Notícia utilizou o título “Nos jogos Olympicos - A tenacidade e energia da raça brasileira exemplificadas por Adalberto Cardoso”. Já O Estado, elaborou o seguinte título: “Em Los Angeles - O catarinense Adalberto Cardoso demonstrou ser um atleta de fibra”. Enquanto o A Notícia enaltece o evento e a questão de valorização por adjetivos, e manutenção de uma identidade nacional a partir do termo “raça brasileira”, destacando as estruturas das instituições. O jornal O Estado volta-se para o local do evento e a ressalta o vínculo regional do atleta, priorizando a sua identidade regional (Oliven, 2010). Segundo Oliven (2010), na década de 1930, começa uma mudança da concepção de raça brasileira, impulsionada pelo escritor Gilberto Freyre, onde a miscigenação é favorável para a composição da nação. Este intelectual fez parte do Manifesto Regionalista, lançado em 1926, que desenvolve a importância das regiões do país como unidades de organização nacional e conservação de valores regionais e tradicionais (Oliven, 2010). Entretanto, com a República Nova (1930 em diante), “o nacionalismo ganha ímpeto e o Estado se afirma. De fato, é ele que toma a si a tarefa de constituir a nação” (Oliven, 2010, p. 421).

A Notícia, fundado em Joinville, cidade de Santa Catarina, em 1923, foi um jornal que, entre 1932 e 1944, apoiou os ideais nazistas, inclusive com imagens de Hitler e da Suástica em razão de seus leitores serem simpatizantes desta ideologia, posteriormente, por oportunismo do proprietário do jornal, este passou a aderir o nacionalismo de Getúlio Vargas (Barcelos e Fernandes, 2008). Discurso que segue a perspectiva higienista de fortalecimento físico da população por esta constituir nação, um povo forte compõe uma nação forte, percepções encontradas no nazismo e no nacionalismo brasileiro da Era Vargas. Mais tarde, exposta nos JO de Berlim, na Alemanha, em 1936.

Os jornais publicaram de forma semelhante a trajetória de Adalberto Cardoso (Em Los Angeles..., 3/08/1932, s/p; Nos Jogos Olympicos..., 3/08/1932, p. 1). Estes narram a trajetória de Adalberto Cardoso desde a sua



saída do Brasil, no Itaquicê; a sua chegada em São Francisco; a falta de dinheiro para ir até Los Angeles; o caminho transcorrido de carona; a noite sem dormir; a chegada no estádio a 4 minutos do início da prova; a largada junto aos outros atletas; e a corrida: “Por três vezes lhe faltaram as forças. Por três vezes Adalberto tombou na poeira da pista. Por três vezes se ergueu e recomeçou a carreira com inflexível vontade de atleta penetrado do mais puro espírito olympico” (Em Los Angeles..., 3/08/1932, p. s/p). Quanto à representação do Olimpismo, o jornal *A Notícia* coloca o feito de Adalberto Cardoso da seguinte forma: “A emocionante corrida de dez mil metros, conquistada pelo brasileiro Adalberto Cardoso, legou um exemplo de seu caracter e da sua resistencia verdadeiramente olympica” (Nos Jogos Olympicos..., 3/08/1932, p. 1).

Desta maneira, os jornais registraram em suas páginas a participação de Adalberto Cardoso conforme o ideário olímpico de Pierre de Coubertin. De acordo com o idealizador dos JO da Era Moderna, inspirado pelos JO da Grécia Antiga, “o segredo para vencer não consiste unicamente na preparação técnica, mas acima de tudo no estado de espírito e a decisão moral unitária que inspira as equipes” (Müller e Todt, 2015, p. 176).

A realização de Adalberto Cardoso e a ampla disseminação dos jornais, impulsionou a busca pela compreensão do fenômeno dos JO e os simbolismos que o envolviam pelo jornal *A República*, que publicou um texto intitulado “O Desporto da antiguidade - A origem dos jogos Olímpicos” (23/08/1932, p. 2). Nesta reportagem foram resgatados alguns elementos encontrados nas escavações arqueológicas em Olímpia, na Grécia, que construíram um imaginário dos JO na Grécia Antiga, os quais permaneceram, ressignificados, nos JO da Era Moderna, como: a primeira corrida competitiva e nome do vencedor como registro do início do esporte na Europa; a importância do esporte para os gregos; as competições aconteciam de quatro em quatro anos e eram um intervalo entre guerras; espectadores que se deslocavam de diversas regiões e celebravam a paz; o treinamento dos atletas sob o olhar dos treinadores; o ritual da cerimônia de abertura; o respeito às regras sob pena de desclassificação; os atletas correrem nus; as mulheres serem banidas do ambiente dos Jogos, apenas as solteiras podiam assistir; o programa de realização das práticas esportivas, corrida, centathlon (disco, salto em altura, lançamento de peso e lutas), pugilismo, pancrácio, carreira de bigas e de cavalos; o coroamento dos vencedores; e a graça aos deuses (O desporto da Antiguidade, 23/08/1932, p. 2).

Além disso, no fim do texto é possível identificar a valorização do resgate da tradição cultural grega, como um espetáculo que representa os valores daquela civilização denominada como “alma antiga [...]”. A ela devem a literatura e as artes o melhor de seu genio, a Atletica, encontrará ali a origem de toda a beleza. Devemos esperar, fiados nessas orientações que faziam a forma humana, que é o seu predestinado fim.” (O desporto da Antiguidade, 23/08/1932, p. 2). Nesta passagem, o autor do texto reconstrói o imaginário da estética do espetáculo olímpico vinculado à civilização grega e suas práticas. Tal concepção alinha-se com o olimpismo de Coubertin: “A união entre o esporte e a arte [...] devia ir mais além da personificação estética do atleta durante a competição e embelezar os campeonatos de modo que os participantes e os espectadores vivessem uma harmonia absoluta, que Coubertin descrevia com o conceito de “euritmia” (Müller e Todt, 2015, p. 176), ou seja, a inter-relação entre esporte e arte.

Após os JO de 1932, O Estado voltou a citar Adalberto Cardoso novamente na edição publicada no *Dia do Esportista Catharinense*, data comemorativa instaurada pela Federação Catharinense de Desportos, e vangloriou mais uma vez a jornada do atleta na competição nos Estados Unidos. “Na escola de civismo e de hombridade que o esporte encerra, não pede exemplos Santa Catharina, cujos os filhos são da envergadura de uma Adalberto Cardoso” (O dia do Esportista Catharinense, 15/10/1932, s/p). Com o passar do tempo, novas versões surgem, como na publicação do mesmo jornal em 13 de janeiro de 1933: “O feito

de nosso conterraneo tornou-se célebre por haver elle percorrido a pé antes da prova, muitos kilometros, e ao chegar ao recinto do estadio, de onde já haviam partido os outros concorrentes, saiu no encalço dos mesmos, obtendo ainda apreciável colocação” (Athletismo, 13/01/1933, p. 6).

O JO de Los Angeles, em 1932, foi a única edição que Adalberto Cardoso participou. Posteriormente, ele disputou apenas competições no Brasil. Outra grande aventura do atleta foi servir pelo Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a bordo no navio Goiânia (Rodrigues, 2016). Esta atuação de Adalberto Cardoso, provavelmente, reforçou as representações coletivas sobre o mito do herói afirmada pela sua posição de atleta olímpico brasileiro.

## CONCLUSÕES

Esta investigação histórica tratou de reconstituir indícios sobre o percurso esportivo do atleta olímpico Adalberto Cardoso utilizando, basicamente, matérias de jornais. Tais veículos de comunicação nos anos de 1930, particularmente, os jornais de Florianópolis, Santa Catarina, dedicaram algumas matérias a Adalberto Cardoso, pois ele foi o primeiro atleta olímpico do estado. Antes desta conquista, as matérias sobre seu desempenho esportivo eram um tanto escassas. Isto sugere que a conquista de um lugar de destaque no esporte - integrar a delegação olímpica brasileira, repercutiu na divulgação jornalística. Vale lembrar que no período deste estudo, o esporte era um assunto com espaço reduzido nas páginas dos jornais.

Observa-se com relação aos estudos que abordam a participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 1932 um enfoque centrado, principalmente, na participação de Maria Lenk, a primeira mulher brasileira a integrar a delegação olímpica do país. É inegável a relevância destas pesquisas bem como de outras que se dedicam a tratar, geralmente, dos atletas olímpicos do Rio de Janeiro e São Paulo. Afinal, estes estados, historicamente, tiveram muitos representantes, não apenas de atletas, como de dirigentes e outros agentes nas delegações olímpicas do Brasil. No entanto, a ocorrência de atletas olímpicos oriundos das grandes metrópoles brasileiras, na época, precisa ser mais problematizada e com este intuito, estudos sobre o caso do atleta olímpico Adalberto Cardoso podem contribuir para uma análise mais aprofundada sobre o tema.

Outros pontos a serem analisados em estudos futuros são as dificuldades encontradas pelos atletas que não tem expectativa de medalha para irem para os JO, desde o século XIX até a contemporaneidade, e como estes passam a ser valorizados após conquistas realizadas principalmente em razão da sua persistência em competir, muitas vezes com a imprensa construindo representações coletivas de heroísmo, revestida por um imaginário em torno do Olimpismo, como o caso de Adalberto Cardoso.

Assinala-se a necessidade de buscar outras fontes de informações não apenas para traçar o percurso de Adalberto Cardoso, mas também para compreender os cenários do esporte em Santa Catarina e no Brasil no demarcado período histórico. Nesta direção, por meio de outras pistas é possível avançar em estudos sobre história regional do esporte e pesquisas comparativas acerca do esporte olímpico brasileiro. Para além disso, ponderamos sobre a importância avançarmos nas pesquisas sobre os caminhos percorridos pelos(as) atletas brasileiros(as) que participaram dos Jogos Olímpicos, mas não foram medalhistas e, até mesmo sobre aqueles que tentaram participar, mas não obtiveram índices para se classificar. Considera-se que, investindo nesta perspectiva de estudos, a História Cultural do Esporte poderá contribuir de forma mais efetiva.

## REFERÊNCIAS

- Athletismo. (1932, 14 de junho). Florianópolis. O Estado.
- Athletismo. (1933, 13 de janeiro). Florianópolis, p.6. O Estado.
- A corrida de rua da Marinha, (1930, 30 de agosto). Florianópolis, p. 8. O Estado.
- Bacellar, C. (2010). Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto.
- Barcellos, B. L.; Fernandes, M. L. (22 de outubro, 2008). Jornal A Notícia e o discurso nazista em Santa Catarina. São Paulo, 7 (2): 127-135. Cenários da Comunicação.
- Barros, J. A. D. (2005). História, Região e Espacialidade. 10(1): 95-129, Verão. Revista de História Regional.
- Brasil na X Olimpíada, (1932, 21 de julho). Florianópolis, p. 3. O Estado.
- Brasil. Decreto nº 21.553, de 17 de julho de 1932. Dispõe Sobre A Representação Desportiva do Brasil À X' Olimpíada Mundial, A Realizar-Se em Los Angeles. Retrieved from: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2160228/pg-5-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-09-07-1932>
- Brasil - Decreto n. 7.566 de 23 de setembro de 1909 - Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Retrieved from: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>
- Campeonato carioca de atletismo. (1931, 29 de agosto). Florianópolis, p. 8. O Estado.
- Chartier, R. (2002). À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Chartier, R. (dezembro de 2011). Defesa e ilustração da noção de representação. Dourados, MS. 13 (24): 15-29. Fronteiras.
- DaCosta, L. P. et al. (2005). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro. Shape.
- Em Los Angeles - O catarinense Adalberto Cardoso demonstrou ser um atleta de fibra. (1932, 3 de agosto). Florianópolis. O Estado.
- Escolas de artífices, Órgão do Partido Republicano Catarinense. (1918, 24 de janeiro). Florianópolis, p.1. O Dia.
- Exames. (1924, 29 de novembro). Florianópolis, p. 2. A República.
- Garrido, F.; Lage, A. (2006). O esporte na Marinha do Brasil. In: Dacosta, Lamartine. Rio de Janeiro: CONFEF. Atlas do Esporte no Brasil.
- Ginzburg, C. (1989). Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Ginzburg, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. São Paulo. Companhia das Letras.
- Grasso, C.; Nascimento, G.; Nascimento, I. (2020). A Revolução Constitucionalista de 1932: uma análise da cobertura jornalística acerca do fato histórico. In: Ribeiro, Alessandro Teixeira (Org.). Ponta Grossa PR: Atena. Comunicação, Política e Atores Coletivos.
- Guttman, A. (1978). From Ritual to Record. New York. Columbia University Press.
- Guttman, A. (1992). The Olympics, a history of the modern games. Chicago. University of Illinois Press.
- Matheus, Leticia Cantarela. (2012). Questões sobre o marco histórico do telégrafo no jornalismo no século XIX. 1 (1): 41-51. Revista de História da Mídia.
- Mazo, J.; Silva, C. F.; Merlin, G. K.; Todt, N. (2017). Shooting: the First Brazilian Olympic Medals. 1:135-152. Diágoras: International Academic Journal on Olympic Studies.
- Mazo, J.; Silva, C. F.; Baia, A. C. (2017). O itinerário de um atleta olímpico não medalhista: Willy Seewald (\*1900+1929). Revista Motivivência. 29: 157-173. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n51p157>

- Müller, N.; Todt, N. (2015). Ed. Pierre de Coubertin 1863-1937 - Olimpismo seleção de textos. Porto Alegre. EdIPUCRS.
- Nos jogos olympicos. (1932, 3 de agosto). A tenacidade e energia da raça brasileira exemplificadas por Adalberto Cardoso. Joinville, p. 1. A Notícia.
- O cross-country... (1928, 1 de dezembro). Jaraguá do Sul, p. 1. Correio do Povo.
- O desporto da antiguidade. (1932, 23 de agosto). A origem dos jogos Olímpicos, Florianópolis, p. 2. A República.
- O dia do esportista catarinense. (1932, 15 de outubro). Florianópolis. O Estado.
- Oliven, R. G. (ed). (2010). Cultura e Identidade Nacional e Regional. In: Carlos Benedito Martins e Luiz Fernando Dias Duarte. (Org.). Horizontes das Ciências Sociais - Antropologia. (1º ed). São Paulo: Discurso Editorial & Barcarolla.
- Parry, J. (outubro de 2006). Sport and Olympism: universals and multiculturalism. Journal of the Philosophy of Sport. 33 (2): 188-204. <https://doi.org/10.1080/00948705.2006.9714701>
- Pesavento, S. J. (2008). História & História Cultural. 2a ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- Reppold Filho, A. R. et al. (org.). (2009). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: UFRGS.
- Rodrigues, E. (Diretor). (2016). 1932: a medalha esquecida. Direção de Ernesto Rodrigues. (Documentário). Produção de Pedro Pereira. Rio de Janeiro. (61 min.)
- Rubio, K. (2009). Alteridade e cidadania como caminhos para a compreensão da diversidade e do multiculturalismo na Educação Olímpica. In: Filho, A. R. R.; Pinto, L. L. M.; Rodrigues, P. R. E Engelman, S. (Orgs.). Olimpismo e educação olímpica no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Rubio, K. (2015). Atletas Olímpicos brasileiros. São Paulo: SESI - SP.
- Rubio, K. (2016). Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. Revista USP. 108: 21-28. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i108p21-28>
- Uma palestra com o atleta catarinense adalberto cardoso. (1931, 27 de janeiro). Florianópolis, p. 6. O Estado.
- Vida desportiva. (1931, 9 de fevereiro). Florianópolis, p. 6. O Estado.
- Vida esportiva. (1931, 19 de fevereiro). Florianópolis, p. 6. O Estado.
- Wacker-Neto, M. F. (2009) Educação Olímpica, Olimpismo e eurritmia. In: REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo et al. (org.). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: UFRGS.
- Worldathletics. Perfil do Atleta: Ruan Carlos Zabala. Retrieved from: <https://worldathletics.org/athletes/argentina/juan-carlos-zabala-14557819>

